

A HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA:
OBJETO, OBJETIVOS, ORGANIZAÇÃO

Pierre Swiggers
Universidade de Lovaina
pierre.swiggers@arts.kuleuven.be

*À memória de dois colegas historiógrafos:
Klaus Dutz e Peter Schmitter*

RESUMO:

Este artigo, concebido como uma contribuição à meta-historiografia da linguística, discute o objeto e os objetivos fundamentais da historiografia da linguística, definida como um campo interdisciplinar no âmbito da história/historiografia da ciência e das ideias. O artigo apresenta um organograma da historiografia da linguística, um panorama de suas três dimensões constituintes (heurística, hermenêutica, expositora) e uma sinopse sistemática dos instrumentos conceptuais de dispõe o historiógrafo da linguística.

ABSTRACT:

This article, intended as a contribution to the metahistoriography of linguistics, discusses the object and the fundamental goals of linguistic historiography, defined as an interdisciplinary field within the history(-writing) of science and the history of ideas. The article presents an organogram of linguistic historiography, an overview of the three constitutive dimensions (heuristic, hermeneutic, expository) of linguistic historiography, and a systematic survey of the conceptual tools which the historiographer of linguistics has at his disposal.

Introdução.

Neste texto¹, proponho-me a reunir, de modo sistemático, algumas reflexões² sobre o objeto e os objetivos da historiografia (da) linguística (ing. *historiography of linguistics/linguistic historiography*) como disciplina. A partir dos anos 1970, a historiografia da linguística desenvolveu-se como uma disciplina institucionalizada no âmbito acadêmico e como campo autônomo de investigação³; são várias as associações ou sociedades internacionais e nacionais que se dedicam à historiografia da linguística (seja em relação a uma língua ou a um grupo de línguas determinado).

A presente contribuição pode denominar-se “meta-historiográfica”. Por meta-historiografia – campo de estudo que se desenvolveu bastante nos últimos anos⁴ – entendo o trabalho reflexivo sobre o labor historiográfico e, especialmente, sobre seus aspectos metodológicos e teóricos. As três principais tarefas da meta-historiografia são: a tarefa *construtiva* (elaboração de um modelo historiográfico e construção de uma linguagem historiográfica⁵), a tarefa *crítica* (avaliação de tipos de discurso historiográfico aliada à proposta de análise e apreciação das abordagens metodológicas e epistemológicas adotadas nos textos analisados), a tarefa *metateórica* ou “contemplativa” (reflexão sobre o objeto, o *status* da historiografia, sobre a justificação das formas de apresentação e sobre o que é um “fato” linguístico [*linguistic fact*] para o historiador). Assim, as

-
- 1 Quero agradecer a Ricardo Cavaliere o convite para redigir esta síntese para os leitores de *Confluência*, bem como a tarefa de havê-la traduzido.
 - 2 Veja também meus trabalhos anteriores sobre aspectos metodológicos e epistemológicos da historiografia da linguística: Swiggers (1979, 1980, 1981a, 1981b, 1983, 1984, 1990, 1991a, 1991b, 2004, 2006, 2009, 2010, 2012a, 2012b).
 - 3 Foi de grande importância a criação da revista *Historiographia Linguistica* em 1974; a ela seguiram-se várias outras revistas: *Histoire, Épistémologie, Langage* (em 1979), *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (em 1991), *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística* (em 2002), *Language & History* (em 2009) e a *Revista Argentina de Historiografía Lingüística* (em 2009); cf. Lliteras, Martínez Alcalde & Swiggers (2013). Os volumes coletivos de historiografia da linguística que se publicaram nas últimas décadas atestam a crescente importância dessa disciplina: cf. Hymes (ed. 1974), Sebeok (ed. 1975), Parret (ed. 1976), Schmitter (ed. 1987-2007), Auroux (ed. 1989-2000), Lepschy (ed. 1994-1998a & Auroux, Koerner, Niederehe & Versteegh (eds. 2000-2006).
 - 4 Desde os anos 1980, publicaram-se vários trabalhos sobre meta-historiografia: cf. Grotzsch (1982), Schmitter (1982, 2003), Christmann (1987) Dutz (1990) e outros trabalhos em Hüllen (ed. 1990), Elffers-Van Ketel (1991), Koerner (vários artigos recolhidos em seus livros de 1995, 1999 e 2004; e o trabalho de 2007), Simone (1995), Schmitter & Van der Wal (eds. 1998), Dorta, Corrales Zumbado & Corbella (eds. 2007); cf. também as referências da nota 2.
 - 5 Veja Swiggers (1987b) sobre a “linguagem do historiador”.

reflexões aqui apresentadas se inscrevem no marco de uma meta-historiografia construtiva e teórica⁶.

1. Objeto e objetivos.

Na historiografia da linguística, como estudo do desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas, os *objetos primários* que se devem estudar são *textos* (publicados ou não publicados). Há muitos aspectos do fenômeno a que denominamos “texto” que merecem certa reflexão do ponto de vista do historiador da linguística⁷:

I - Sua inserção em um “circuito” mais amplo: aqui surgem problemas como os concernentes a (a) intertextualidade, (b) polissistema de textos e (c) “serialidade” (série de textos)⁸.

II - Sua “posição”, isto é, sua avaliação contemporânea ou retrospectiva: aqui enfrentamos questões como (a) as de cânon (cânon de autores/ de textos/ de aproximação): formação (e modificação) do cânon, crítica do cânon; (b) as de posição marginal ou marginalização (por diferentes motivos: por exemplo, visão antiquada, visão inadequada etc.); (c) as de integração (ou não integração) institucional.

III - Sua “composição e tonalidade”: aqui se trata (a) da estrutura global dos textos linguísticos (a respeito disso, pode-se falar de *morfótipos* de textos); (b) da (natureza da) argumentação; (c) da “modalidade” elocutiva (textos [com aspectos] mais ou menos apodíticos; textos [com aspectos] polêmicos; textos [com aspectos] dubitativos; textos puramente informativos).

IV - Seu “papel dinâmico” (ou “força”): os textos-fontes, tanto em sua concepção quanto em sua recepção (ainda que não haja sempre uma correspondência unívoca entre ambos os polos) não têm o mesmo papel dinâmico. Aqui se podem distinguir vários *dinamótipos*: textos de “ação” (textos programáticos ou textos que oferecem aplicação (inovadora) de uma abordagem), textos de síntese, textos de “diluição” (são textos que oferecem uma versão/aplicação “diluída” de uma teoria)⁹, textos de “reação” (este dinamótipo inclui traduções,

6 Cf. De Clercq & Swiggers (1991), Swiggers, Desmet & Jooen (1998a, 1998b).

7 Veja também as reflexões em De Clercq & Swiggers (1991).

8 Cf. Haßler (2008).

9 São *variations upon a theme*, como tantas há agora, por exemplo, sobre “gramaticalização”, “(inter)subjetividade”, “evidencialidade”.

resenhas, críticas efetivas, divagações críticas a partir de um “estímulo”), textos de “entorno” (por exemplo, notas, correspondência¹⁰, prefácios etc.).

Os textos que o historiógrafo (ou o historiador) da linguística deve estudar podem ser considerados o “reflexo (ou depósito) material” da história da linguística. A história¹¹ da linguística se pode definir como o conjunto cronológico e geográfico dos acontecimentos, dos fatos, dos processos de conceptualização¹² e de descrição, e dos produtos que moldaram a tradição do pensamento e da práxis linguísticos. Trata-se de um conjunto complexo, isto por várias razões:

I - Na história da linguística há tradições (“étnicas” ou “geográficas” ou “culturais”) que se diferenciam por sua emergência e seu desenvolvimento, por sua dinâmica interna, por seu caráter aberto ou fechado com respeito a outras tradições, por sua abrangência perante o fenômeno da linguagem e pelo enfoque em áreas particulares do estudo de línguas (cf. Itkonen, 1991; Swiggers, 1989 e 1998).

II - A história da linguística é um tecido integrado de acontecimentos pessoais e públicos (políticos, socioeconômicos, institucionais), de correntes intelectuais e culturais, de redes sociais¹³, de fazeres centrados em línguas por si mesmas ou como meios para certos fins (basta pensar na linguística missioneira¹⁴ ou na história do fenômeno da tradução), de reflexões e processos conceituais que são subjacentes a vários tipos de atividade científica.

III - A história da linguística apresenta uma ampla gama de “produtos” do pensamento e da práxis linguísticos¹⁵: descrições de línguas (descrições de uma

10 Sobre o uso da correspondência de linguistas, cf. Droixhe, Müller & Swiggers (1989).

11 Para uma reflexão epistemológica sobre o conceito de “história”, veja Veyne (1971).

12 De maneira concreta, pode-se estudar a conceptualização em que está alicerçada uma teoria pelo que se oferece como definição do objeto central. Na história da linguística podem-se distinguir várias conceptualizações do objeto “língua” (ou “linguagem”); para um panorama das abordagens, veja Swiggers (1993, 2004). Como estudos historiográficos sobre conceitos, veja, por exemplo, Elffers-Van Ketel (1991) [sobre os conceitos “Sujeito” e “Predicado”], Swiggers & Wouters (2004, 2011) [sobre o conceito “Gramática”]. Sobre a relação entre conceptualização e esquematização na história da linguística, veja o trabalho de Roggenbuck (2005).

13 Para o conceito de “rede social” na história da filosofia, veja Collins (1998); para o conceito de “rede social” em seu emprego (socio)linguístico, veja Milroy (1980).

14 Cf. Ridruejo (2007) e Zwartjes (2011), assim como as contribuições de Zwartjes & Altman (eds. 2005), Zwartjes & Hovdhaugen (eds. 2004), Zwartjes, James & Ridruejo (eds. 2007), Zwartjes, Arzápalo & Smith Stark (eds. 2009), Zwartjes & Koerner (eds. 2009).

15 É também possível tipificar os produtos segundo uma escala que vai do polo da “utilidade

só língua ou de línguas em contraste ou de fenômenos tipológicos), manuais (para o ensino/ para a aprendizagem), obras teóricas, estudos históricos e/ou comparativos, modelos de análise ou de explicação, e, além disso, trabalhos que dizem respeito ao planejamento de línguas e às políticas linguísticas¹⁶.

É precisamente essa complexidade que explica por que o campo da história da linguística é um *campo interdisciplinar*, compartilhado com a filosofia da linguagem (cf. Hacking, 1975; Bunge, 1984), a retórica, a lógica (“dialética”), a psicologia, a antropologia, a sociologia, a teologia (e a história de cada uma delas).

Em face dessa complexidade da história da linguística, o objetivo fundamental do historiador é o de *reconstruir o ideário linguístico e seu desenvolvimento através da análise de textos situados em seu contexto*. Cada um dos termos que constituem esta circunscrição de objetivo traz uma implicação importante:

I - *Reconstruir*: o esforço de reconstruir um ideário dentro de um campo disciplinar impõe que o trabalho se conecte com a metodologia (da história) das ciências.

II - *Ideário linguístico*: para chegar-se a uma compreensão adequada e fundamentada do ideário linguístico, é preciso ter formação de linguista¹⁷.

III - *Trajetória*: para poder estudar um (tipo de) trajetória, é indispensável dispor de uma visão histórica relativamente ampla.

IV - *Análise de textos*: para que se proceda a uma análise de textos, são imprescindíveis (a) uma base heurística e (b) alguns fundamentos hermenêuticos.

V- *Contexto*¹⁸: este item significa que o trabalho seja relacionado com a história intelectual e com a história socioeconômica.

extrínseca” (utilidade dos produtos para os não linguístas) ao polo de “utilidade meramente intrínseca” (produtos que só interessam aos linguístas ou, de maneira ainda mais restrita, aos que se filiam a este ou aquele modelo).

16 Sobre as “práticas” linguísticas, veja os estudos de Desmet, Jooken, Schmitter & Swiggers (eds. 2000), um volume coletivo dedicado à dimensão da práxis na linguística.

17 Sobre a imprescindibilidade dessa exigência, veja Malkiel & Langdon (1969). Cf. também os manuais de Arens (1969), Robins (1997) e Law (2003).

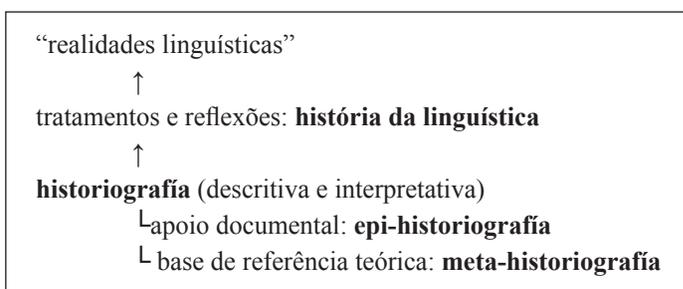
18 Sobre o papel da contextualização na historiografia da linguística, cf. Law (2003); para estudos que ilustram a relação entre contexto e conteúdo de pontos de vista linguísticos, cf. Swiggers & Wouters (eds. 1996).

2. Organização.

Com o termo *organização*, refiro-me a duas exigências:

I - A primeira é a de incluir a tarefa historiográfica em um “organograma” historiográfico.

Para isso, é indispensável definir o conteúdo de três planos: o plano das realidades linguísticas que formam o “substrato” de atividades práticas e teóricas por parte dos que se podem denominar “atores” da *história da linguística*; e é essa história que constitui o objeto de análise e de descrição para a *historiografia da linguística*. Essa última se apoia, ademais, em uma documentação biobibliográfica e contextual – é o que se elabora como *epi-historiografia* – e se erige, em perspectiva metodológica e epistemológica, sobre uma *meta-historiografia*.



II - A segunda exigência diz respeito à organização do próprio trabalho historiográfico. Por se tratar de um trabalho sobre textos do passado (e do presente) que servem como base documental, cabe distinguir três fases:

a) uma fase *heurística*¹⁹, que compreende as seguintes tarefas: informar-se sobre as fontes e sua disponibilidade; ler os textos-fontes; “catalogar” ideias, os pontos de vista e a terminologia; contextualizar as ideias, os termos.

b) uma fase *hermenêutica*, que consiste em uma *interpretação*, que sempre se fundamenta no uso de categorias interpretativas. Aqui se pode fazer a distinção entre categorias²⁰ gerais (os conceitos que fazem parte da metodologia

¹⁹ Sobre os aspectos heurísticos e ecdóticos, veja as observações de Gómez Asencio (2007).

²⁰ Acerca do papel da categorização na filosofia e na história de disciplinas, cf. Perelman (1969); para uma exemplificação, veja Swiggers & Wouters (2004).

geral)²¹ e categorias específicas (os conceitos que constituem a metodologia específica). Há de destacar-se o fato de que a interpretação implica uma dimensão *comparativa*, porque (quase sempre) se trata de relacionar conceitos/ autores/modelos.

c) uma fase *executiva*: a da demonstração dos resultados da investigação. Nessa fase, intervêm, como parâmetros fundamentais, três dimensões:

c₁) a do *formato de exposição*: a execução historiográfica pode tomar uma forma sequencial (basicamente narrativa), uma forma “tópica” (focalizada na análise de um tema ou em um tipo de problema) ou uma forma “combinatória” (centrada entre o contexto e o conjunto de pontos de vista em determinada época da história da linguística).

c₂) a dimensão da *intencionalidade do historiógrafo*: aqui se apresenta a possibilidade de optar por uma historiografia (meramente) taxonomica ou classificadora, polêmica ou apologética, teleológica, exegético-crítica: em cada uma das opções, influem considerações (e pressuposições) sobre o que é (ou seria) mais ou menos científico/válido/adequado/relevante no campo da linguística e, em plano mais geral, das ciências humanas (cf. Bunge, 1974; Laudan, 1984).

c₃) a dimensão do *programa cognitivo*: esta é uma dimensão essencial, que, estando determinada, em parte, pelo objeto de estudo e pela documentação disponível e, em parte, pelos interesses e aspirações do historiador, define o *perfil intelectual* dos produtos historiográficos. Com referência a esse parâmetro, podem-se distinguir cinco perfis distintos de historiografia²²:

c₃₁) uma historiografia “atomística” (sob forma de uma apresentação analítica de acontecimentos e fatos da história da linguística).

c₃₂) uma historiografia “narrativa”²³, que relata, na sua sucessão cronológica, os “acontecimentos” na história da linguística.

c₃₃) uma historiografia “nocional-estrutural” (análise estrutural²⁴ de conjuntos de ideias, de tipos de abordagens na história da linguística).

21 A metodologia geral inclui os conceitos mais gerais de metodologia, lógica e história das ciências, assim como os “conceitos gerais para a historiografia”.

22 Os perfis têm uma relação estreita com as modalidades de exposição (modalidade narrativa, modalidade estrutural, modalidade axiomática) que discutimos em Swiggers (2004). Com respeito à tipologia na historiografia da linguística, cf. Koerner (1978:55-62; 1999:9-14) e Simone (1995); veja também Passmore (1967) acerca dos tipos historiográficos na filosofia.

23 Sobre os aspectos de “narratividade” na historiografia da linguística, veja Schmitter (1994).

24 No sentido de Stegmüller (1979); cf. Swiggers (1990, 2004).

c₃₄) uma historiografia “arquitetônico-axiomática” (descrição e análise da estrutura lógica de teorias e modelos como sistemas de axiomas e enunciados)²⁵.

c₃₅) uma historiografia “correlativa” (estudo das relações entre teorias e das correlações entre pontos de vista, no âmbito da linguística, e o contexto sociocultural, político, institucional)²⁶.

3. Linhas de implementação.

Como em qualquer tipo de investigação científica, a realização de trabalhos na historiografia da linguística se fundamenta (a) na eleição de (temas dentro de) uma área de investigação; (b) no manuseio de um conjunto de conceitos; e (c) em um plano de estudo. Tratem-se de cada um desses aspectos.

3.1 Áreas de investigação.

I - Considerando não haver distinção absoluta entre as áreas no campo da historiografia da linguística, podem-se definir, de maneira relativa²⁷:

Áreas de tipo referencial²⁸, que são definidas pelos seguintes níveis de descrição:

a) história da gramática²⁹ (história da fonética, da morfologia [morfosintaxe], da sintaxe), podendo-se tratar da língua nativa ou da língua 2 ou de uma “língua exótica”.

b) história da lexicografia (e da lexicologia); pode-se incluir a fraseologia (também esta se pode considerar parte da gramática).

c) história da semântica (cf. Gordon, 1982; Schmitter, 1990).

d) história da pragmática³⁰.

II - Áreas de tipo institucional, definidas em função de (para)disciplinas: história da sociolinguística, história da psicolinguística, história da neurolinguística etc.

25 Sobre análise lógico-axiomática na filosofia e na historiografia da ciência, cf. Sneed (1971)

26 Veja também a discussão em Swiggers (2003) com referência ao fenômeno da “elaboração” das línguas vernáculas na Idade Média.

27 Cf. as observações em Swiggers (2001a, 2001b).

28 Como, por exemplo, “[história da] gramática do espanhol”; cf. a obra de referência editada por Gómez Asencio (ed. 2006-2011)

29 Veja o “*Corpus* de gramáticas” editado por Colombat & Lazcano (1998-2000).

30 Sobre a história da pragmática entre 1780 e 1930, veja Nerlich & Clarke (1996).

III - Áreas de tipo conceptual, que se definem pelas questões linguísticas de que tratam e pelas respostas que formulam a respeito:

a) história de problemas teóricos: por exemplo, a mudança linguística³¹, a noção de “língua(gem)”, a origem da linguagem (cf. Gessingen & von Rahden eds. 1989).

b) história de modelos e de teorias linguísticas³².

IV - Áreas de tipo “ecolinguístico”, que dizem respeito ao entrelace entre concepções de usuários e concepções de linguistas: aqui se estuda a história das atitudes linguísticas, por exemplo, com respeito à norma (cf. Padley, 1983), ao “gênio” de uma língua (cf. Schlaps, 2004; Siouffi, 2010; Joseph, 2012; Van Hal, 2013), às “qualidades” de língua (cf. Swiggers, 1997b), à correção linguística (cf. Siebenborn, 1976, um estudo sobre os critérios de correção linguística na Antiguidade).

3.2 Conceitos atinentes à historiografia.

Na historiografia da linguística, como na historiografia de outras disciplinas, cabe trabalhar com (uma seleção de) conceitos e de termos³³ (mais ou menos técnicos) que permitem organizar os dados primários, refletir sobre tais dados, o que contribui para atribuir certo contorno à exposição dos resultados da investigação historiográfica.

Os (principais) conceitos podem sistematizar-se da seguinte maneira:

I - Pontos/entrelaces de “ancoragem” (*anchoring points*):

a) entidades individuais: textos, autores, usuários.

b) *continua*: redes, instituições, escolas, grupos (*theory groups*)³⁴, círculos, sociedades.

II - Linhas de desenvolvimento³⁵:

a) rumo evolutivo: mudança, revolução, “conversão³⁶, progresso/estagna-

31 Cf. Schneider (1973), Windisch (1988), Verleyen (2008), Swiggers (2013).

32 Sobre metodologia e epistemologia da linguística, cf. Fernández Pérez (1986) y Parret (1979). Sobre aspectos metodológicos do modelo gerativo, cf. Botha (1970, 1981).

33 Sobre a importância da investigação terminológica e terminográfica na historiografia da linguística, veja Colombat & Savelli eds. (2001), Swiggers (2011), Swiggers & Quijada van den Berghe (2011) e Szoc & Swiggers (2013).

34 Cf. Murray (1994).

35 A análise das linhas de desenvolvimento cruza-se com o problema da periodização. Para uma abordagem global do problema historiográfico da periodização, veja Van der Pot (1951).

36 Cf. o caso da “etimologia” estudado em Swiggers (1996).

ção/regressão, conservação/perda/rejeição/recorrência, continuidade/descontinuidade, inovação, antecipação.

b) relações com o tempo: fonte, modelo, influência, “abrangência referencial” (fr. *horizon de rétrospection*)³⁷, embate de teorias (ing. *theory clash*).

c) etapas da evolução: programa de investigação³⁸, tradição (nacional³⁹, étnica, geográfica, modelada, linguístico-cultural, “tópica”), *cinosura*⁴⁰, paradigma⁴¹.

III - Conteúdos/ formatos/estratégias.

a) “rotulagem” (*labeling*): aqui se põem os termos para referir-se a um modelo, uma teoria, uma abordagem.

b) em relação a formatos:

b₁) conceitos e princípios teóricos.

b₂) técnicas e estilos de descrição (por exemplo, *Word and Paradigm*, *Item and Process*, *Item and Arrangement*).

b₃) termos T-teoréticos⁴².

c) estratégias: “deslocamento de conceitos”⁴³, transposição, negociação, (ing. *bargaining*)⁴⁴, empréstimo, adaptação, recontextualização, estratégias (retóricas e institucionais) de promoção ou descarte de teorias.

3.3 Plano de estudo.

Por “plano de estudo” entendemos o conjunto de “instrumentos” e a “agenda” de pesquisa que constituem a base e o guia de uma investigação historiográfica personalizada: cada historiador estabelece uma metodologia pessoal, em face do objeto de estudo e em consonância com seus interesses, seu conhecimento, seus objetivos etc.

A respeito do plano de estudo, podem-se distinguir:

37 Cf. Puech ed. (2006).

38 Cf. Schmitter (1998).

39 Sobre o conceito de “tradição nacional”, cf. Noordegraaf (1990).

40 Para este conceito, veja Hymes (1974).

41 Os conceitos de “paradigma” e de “revolução” foram introduzidos na filosofia e na história das ciências por Kuhn (1969 [1962]), veja também Kuhn (1977). Sobre sua aplicação na historiografia da linguística, cf. as reflexões críticas de Percival (1976).

42 Sobre este conceito, cf. Stegmüller (1983:1034-1046).

43 Veja o estimulante estudo de Schon (1969 [1963]).

44 Cf. o uso deste conceito em Swiggers (1988, 1997a, 2003) para descrever a utilização, mediante várias estratégias de adaptação, do modelo (greco-)latino e sua aplicação nas línguas vernáculas.

I - Uma base instrumental que inclui:

a) um “portal” de documentação (metadocumentação): bibliografias (gerais e específicas⁴⁵), dicionários biográficos (cf. Stammerjohann ed., 2009 [1996]).

b) uma base documental: os textos-fontes, literatura secundária, literatura “subjacente”.

c) um instrumento conceptual, que consiste em *conceitos gerais* e *conceitos específicos* em relação ao tipo e objeto de investigação (são esses últimos que formam parte da metodologia específica e personalizada).

II - Uma “agenda” de pesquisa: esta agenda pode ser definida como um quadro analítico⁴⁶ que se apresenta sob a forma de uma série de critérios ou de questionamentos aplicados a um *corpus* de textos.

4. Para concluir: por que ocupar-se da historiografia da linguística?

Diante do menosprezo que se nota, ao menos em certos países, a respeito da historiografia da linguística, há de ressaltar sua importância cognitiva e educativa⁴⁷. A história das reflexões e dos esforços envidados em prol do fenômeno da linguagem é uma parcela essencial de nossa história como seres humanos, e seu estudo não só nos ensina muito sobre a história da linguística (e sua proto-história), como também sobre o papel central que exerceu e ainda exerce a linguagem na história das culturas, das sociedades, das atividades intelectuais da humanidade.

45 Swiggers (1987a) oferece uma breve bibliografia geral na área da historiografia da linguística.

46 As teses de doutorado que se realizaram sob minha orientação utilizaram quadros analíticos sistemáticos (e também flexíveis) com aplicação a temas e períodos históricos distintos: cf. os trabalhos de Desmet (1996), Lauwers (2004), Verleyen (2008), Van Hal (2010) e Szoc (2013).

47 Veja as reflexões de Fernández Pérez (2001, 2007).

Bibliografia.

- ARENS, Hans. 1969. *Sprachwissenschaft. Der Gang ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart*. [segunda edição] Freiburg – München: Alber. [1955¹] [Trad. espanhola: *La lingüística. Sus textos y su evolución desde la antigüedad hasta nuestros días*, Madrid: Gredos, 1975 (2 vol.)]
- AUROUX, Sylvain. ed. 1989-2000. *Histoire des idées linguistiques*. Liège: Mardaga. [3 vol.]
- AUROUX, Sylvain, Konrad E.F. KOERNER, Hans-Josef NIEDEREHE & Cornelis H.M. VERSTEEGH. eds. 2000-2006. *History of the Language Sciences*. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, vol. 18). Berlin – New York: W. de Gruyter. [3 vol.]
- BOTHA, Rudolf P. 1970. *The Methodological Status of Grammatical Argumentation*. The Hague: Mouton.
- BOTHA, Rudolf P. 1981. *The Conduct of Linguistic Inquiry. A systematic introduction to the methodology of generative grammar*. The Hague: Mouton.
- BUNGE, Mario. 1974. *Treatise on Basic Philosophy*. Dordrecht: Reidel.
- BUNGE, Mario. 1984. “Philosophical Problems in Linguistics”. *Erkenntnis* 21.107-173.
- CHRISTMANN, Hans-Helmut. 1987. “Quelques remarques sur l’histoire de la linguistique”. *Historiographia Linguistica* 14. 235-241.
- COLLINS, Randall. 1998. *The Sociology of Philosophies. A global theory of intellectual change*. Cambridge (Mass.): The Belknap Press of Harvard University Press.
- COLOMBAT, Bernard & Élisabeth LAZCANO. eds. 1998-2000. *Corpus représentatif des grammaires et des traditions linguistiques*. [= *Histoire, Épistémologie, Langage*, hors-série n^{os} 2 & 3] [2 vol.]
- COLOMBAT, Bernard & Marie SAVELLI. eds. 2001. *Métalangage et terminologie linguistiques. Actes du colloque international de Grenoble (Université Stendhal – Grenoble III, 14-16 mai 1998)*. Leuven – Paris – Sterling: Peeters.
- DE CLERCQ, Jan & Pierre SWIGGERS. 1991. “L’histoire de la linguistique: ‘L’autre histoire’ et l’histoire d’une histoire”. *Neue Fragen der Linguistik*, ed. por Elisabeth FELDBUSCH, Reiner POGARELL & Cornelia WEISS, vol. 1, 15-22. Tübingen: Niemeyer.
- DESMET, Piet. 1996. *La linguistique naturaliste en France (1867-1922). Nature, origine et évolution du langage*. Leuven – Paris: Peeters.

- DESMET, Piet, Lieve JOOKEN, Peter SCHMITTER & Pierre SWIGGERS. eds. 2000. *The History of Linguistic and Grammatical Praxis*. Leuven – Paris – Sterling: Peeters.
- DORTA, Josefa, Cristóbal CORRALES & Dolores CORBELLA. eds. 2007. *Historiografía de la lingüística en el ámbito hispánico*. Madrid: Arco Libros.
- DROIXHE, Daniel, Jean-Claude MULLER & Pierre SWIGGERS. 1989. “Les correspondances de linguistes: Projet d’inventaire systématique”. *Speculum Historiographiae Linguisticae*, ed. por Klaus DUTZ, 347-357. Münster: Nodus.
- DUTZ, Klaus D. 1990. “Methodologische Probleme in der Rekonstruktion sprachwissenschaftlichen Wissens. Geschichte und Geschichten”. *Understanding the Historiography of Linguistics: Problems and Projects*, ed. por Werner HÜLLEN, 49-60. Münster: Nodus.
- ELFFERS-VAN KETEL, Els. 1991. *The Historiography of Grammatical Concepts. 19th- and 20th-century changes in subject-predicate conception and the problem of their historical reconstruction*. Amsterdam: Rodopi.
- FERNÁNDEZ PÉREZ, Milagros. 1986. *La investigación lingüística desde la filosofía de la ciencia (Verba, anexo 28)*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacions da Universidade.
- FERNÁNDEZ PÉREZ, Milagros. 2001. “Planes de estudio y enseñanza de la historia de la lingüística”. *Actas del Segundo Congreso de la Sociedad Española de Historiografía lingüística*, ed. por M. MAQUIEIRA, M.D. MARTÍNEZ GAVILÁN & M. VILLAYANDRE, 407-415. Madrid: Arco Libros.
- FERNÁNDEZ PÉREZ, Milagros. 2007. “Método de enseñanza para el aprendizaje de la historia de la lingüística”. *Historiografía de la lingüística en el ámbito hispánico*, ed. por Josefa DORTA, Cristóbal CORRALES ZUMBADO & Dolores CORBELLA, 527-545. Madrid: Arco Libros.
- GESSINGER, Joachim – Wolfert VON RAHDEN. eds. 1989. *Theorien vom Ursprung der Sprache*. Berlin – New York: W. de Gruyter.
- GÓMEZ ASENCIO, José J. ed. 2006-2011. *El castellano y su codificación gramatical*. Vol. I-III. Burgos: Instituto castellano y leonés de la lengua.
- GÓMEZ ASENCIO, José J. 2007. “La edición de textos clásicos y su contribución al desarrollo de la historiografía lingüística”. *Historiografía de la lingüística en el ámbito hispánico*, ed. por Josefa DORTA, Cristóbal CORRALES ZUMBADO & Dolores CORBELLA, 479-499. Madrid: Arco Libros.
- GORDON, W. Terrence. 1982. *A History of Semantics*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.

- GROTSCH, Klaus. 1982. *Sprachwissenschaftsgeschichtsschreibung: Ein Beitrag zur Kritik und zur historischen und methodologischen Selbstvergewisserung der Disziplin*. Göttingen: Kümmerle.
- HACKING, Ian. 1975. *Why Does Language Matter to Philosophy?* Cambridge: Cambridge University Press.
- HASSLER, Gerda. 2008. “Les Idéologues et leurs sources: textes de référence et séries de textes dans la constitution d’un paradigme notionnel”. Actes du Colloque international «Idéologie – Grammaire générale – Écoles centrales», 29 mars – 2 avril 2001, ed. por Ilona PABST & Jürgen TRABANT, 60-87. Berlin: Freie Universität. [http://www.geisteswissenschaften.fu-berlin.de/v/diskursformation/Actes_du_colloque/index.html]
- HÜLLEN, Werner. ed. 1990. *Understanding the Historiography of Linguistics: Problems and Projects*. Münster: Nodus.
- HYMES, Dell H. 1974. “Introduction: Traditions and Paradigms”. *Studies in the History of Linguistics: Traditions and paradigms*, ed. por Dell HYMES, 1-38. Bloomington: Indiana University Press.
- HYMES, Dell H. ed. 1974. *Studies in the History of Linguistics: Traditions and paradigms*. Bloomington: Indiana University Press.
- ITKONEN, Esa. 1991. *Universal history of linguistics: India, China, Arabia, Europe*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- JOSEPH, John. 2012. “The Genius of the Italian Language: Politics and Poetics”. *Historiographia Linguistica* 39. 369-377.
- KOERNER, E.F. Konrad. 1978. *Toward a Historiography of Linguistics*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- KOERNER, E.F. Konrad. 1995. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- KOERNER, E.F. Konrad. 1999. *Linguistic Historiography: Projects & Prospects*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- KOERNER, E.F. Konrad. 2004. *Essays in the History of Linguistics*. Amsterdam–Philadelphia: J. Benjamins.
- KOERNER, E.F. Konrad. 2007. “La Historiografía de la lingüística. Pasado, presente, futuro”. *Historiografía de la lingüística en el ámbito hispánico*, ed. por Josefa DORTA, Cristóbal CORRALES ZUMBADO & Dolores CORBELLA, 15-56. Madrid: Arco Libros.
- KUHN, Thomas Samuel. 1962. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press. [21969, segunda edição com posfácio, Chicago: University of Chicago Press]

- KUHN, Thomas Samuel. 1977. *The Essential Tension. Selected Studies in Scientific Tradition and Change*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAUDAN, Larry. 1984. *Science and Value. The Aims of Science and their Role in Scientific Debate*. Berkeley: University of California Press.
- LAUWERS, Peter. 2004. *La description du français entre la tradition grammaticale et la modernité linguistique. Étude historiographique et épistémologique de la grammaire française entre 1907 et 1948*. Leuven–Paris: Peeters.
- LAW, Vivien. 1998. “In Defense of Contextualism”. *Metahistoriography. Theoretical and Methodological Aspects of the Historiography of Linguistics*, ed. por Peter SCHMITTER & Marijke VAN DER WAL, 119-125. Münster: Nodus.
- LAW, Vivien. 2003. *The History of Linguistics in Europe from Plato to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEPSCHY, Giulio. ed. 1994-1998. *History of Linguistics*. London: Longman. [4 vols]
- LLITERAS, Margarita – María José MARTÍNEZ ALCALDE – Pierre SWIGGERS. 2013. “Présentation [de la section ‘Histoire de la linguistique et de la philologie romanes’]”. *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y de Filología Románicas (Valencia 2010)*, ed. por Emili CASANOVA HERRERA & César CALVO RIGUAL, vol. VII, 481-487. Berlin: W. De Gruyter.
- MALKIEL, Yakov & Margaret LANGDON. 1969. “History and Histories of Linguistics”. *Romance Philology* 22.530-569.
- MILROY, Lesley. 1980. *Language and Social Networks*. Oxford: Blackwell.
- MURRAY, Stephen O. 1994. *Theory Groups and the Study of Language in North America. A social history*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- NERLICH, Brigitte & David D. CLARKE. 1996. *Language, Action and Context. The early history of pragmatics in Europe and America 1780-1930*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- NOORDEGRAAF, Jan. 1990. “National Traditions and Linguistic Historiography. The case of general grammar in the Netherlands”. *Understanding the Historiography of Linguistics: Problems and Projects*, ed. por Werner HÜLLEN, 287-302. Münster: Nodus.
- PADLEY, George A. 1983. “La norme dans la tradition des grammairiens”. *La norme linguistique*, ed. por Edith BÉDARD & Jacques MAURIS, 69-104. Québec: Gouvernement du Québec; Paris: CILF.
- PARRET, Herman. ed. 1976. *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin: W. De Gruyter.

- PARRET, Herman. 1979. *Filosofie en taalwetenschap*. Assen: Van Gorcum.
- PASSMORE, John. 1967. "Philosophy, history of –". *Encyclopaedia of Philosophy*, ed. por Paul EDWARDS, vol. 6, 226-230. New York: Macmillan.
- PERCIVAL, W. Keith. 1976. "The Applicability of Kuhn's Paradigms to the History of Linguistics". *Language* 52.285-294.
- PERELMAN, Chaïm. 1969. "Sens et catégories en histoire". *Les catégories en histoire*, 133-147. Bruxelles: Presses de l'Université Libre.
- PUECH, Christian. ed. 2006. *Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection* (= *Histoire, Épistémologie, Langage* 28/1).
- RIDRUEJO, Emilio. 2007. "Lingüística misionera". *Historiografía de la lingüística en el ámbito hispánico*, ed. por Josefa DORTA, Cristóbal CORRALES ZUMBADO & Dolores CORBELLA, 435-477. Madrid: Arco Libros.
- ROBINS, Robert H. 1997. *A Short History of Linguistics*. [Quarta edição] London: Longman. [Primeira edição: 1967]
- ROGGENBUCK, Simone. 2005. *Die Wiederkehr der Bilder. Arboreszenz und Raster in der interdisziplinären Geschichte der Sprachwissenschaft*. Tübingen: Narr.
- SCHLAPS, Christiane. 2004. "The 'Genius of Language'". *Historiographia Linguistica* 31. 367-388.
- SCHMITTER, Peter. 1982. *Untersuchungen zur Historiographie der Linguistik: Struktur – Methodik – theoretische Fundierung*. Tübingen: Narr.
- SCHMITTER, Peter. ed. 1987–2007. *Geschichte der Sprachtheorie*. Tübingen: Narr. [9 vols.]
- SCHMITTER, Peter. 1990. *Essays Towards a History of Semantics*. Münster: Nodus.
- SCHMITTER, Peter. 1994. Narrativity as a Metahistorical Term: Some Systematic and Historical Considerations". *Perspectives on English*, ed. por Keith CARLON, Kristin DAVIDSE & Brygida RUDZKA-OSTYN, 140-157. Leuven – Paris: Peeters.
- SCHMITTER, Peter. 1998. "Der Begriff des Forschungsprogramms als metahistoriographische Kategorie der Wissenschaftsgeschichtsschreibung der Linguistik". *Metahistoriography. Theoretical and Methodological Aspects of the Historiography of Linguistics*, ed. por Peter SCHMITTER & Marijke VAN DER WAL, 133-152. Münster: Nodus.
- SCHMITTER, Peter. 2003. *Historiographie und Narration. Metahistoriographische Aspekte der Wissenschaftsgeschichtsschreibung der Linguistik*. Tübingen: Narr; Seoul: Sowadalmidia.

- SCHMITTER, Peter & Marijke VAN DER WAL. eds. 1998. *Metahistoriography. Theoretical and methodological aspects of the historiography of linguistics*. Münster: Nodus.
- SCHNEIDER, Gisela. 1973. *Zum Begriff des Lautgesetzes in der Sprachwissenschaft seit den Junggrammatikern*. Tübingen: Narr.
- SCHON, Donald A. 1963. *Displacement of Concepts*. London – New York: Tavistock. [1969²: *Invention and the Evolution of Ideas*. London – New York: Tavistock]
- SEBEEK, Thomas A. ed. 1975. *Current Trends in Linguistics*, vol. 13: *Historiography of Linguistics*. The Hague: Mouton.
- SIEBENBORN, Elmar. 1976. *Die Lehre von der Sprachrichtigkeit und ihren Kriterien: Studien zur antiken normativen Grammatik*. Amsterdam: Grüner.
- SIMONE, Raffaele. 1995. “Purus historicus est asinus: Quattro modi di fare storia della linguística”. *Lingua e Stile* 30.117-126.
- SIOUFFI, Gilles. 2010. *Le génie de la langue française: études sur les structures imaginaires de la description linguistique à l’âge classique*. Paris: Champion.
- SNEED, Joseph D. 1971. *The Logical Structure of Mathematical Physics*. Dordrecht: Reidel.
- STAMMERJOHANN, Harro. ed. 1996. *Lexicon grammaticorum*. Tübingen: Niemeyer. [2009², *Lexicon grammaticorum. A Bio-Bibliographical Companion to the History of Linguistics*. Tübingen: Niemeyer, 2 vols.]
- STEGMÜLLER, Wolfgang. 1979. *The Structuralist View of Theories*. Berlin: Springer.
- STEGMÜLLER, Wolfgang. 1983. *Probleme und Resultate der Wissenschaftstheorie und Analytischen Philosophie*. Vol. I: *Erklärung – Begründung – Kausalität*. [Segunda edição] Berlin: Springer. [1969¹]
- SWIGGERS, Pierre. 1979. “Note épistémologique sur le statut de l’historiographie de la linguistique”. *Histoire, Épistémologie, Langage* 1.61-63.
- SWIGGERS, Pierre. 1980. “The Historiography of Linguistics”. *Linguistics* 18.703-720.
- SWIGGERS, Pierre. 1981a. “The History-writing of Linguistics: A Methodological Note”. *General Linguistics* 21,1.11-16.
- SWIGGERS, Pierre. 1981b. “Comment écrire l’histoire de la linguistique?”. *Lingua* 55.63-74.
- SWIGGERS, Pierre. 1983. “La méthodologie de l’historiographie de la linguistique”. *Folia Linguistica Historica* 4.55-79.

- SWIGGERS, Pierre. 1984. "La construction d'une théorie de l'historiographie de la linguistique: quelques réflexions méthodologiques". *Matériaux pour une histoire des théories linguistiques*, ed. por Sylvain AUROUX et al., 15-21. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- SWIGGERS, Pierre. 1987a. "Histoire et histoires de la linguistique: Bibliographie systématique". *L'Information grammaticale* 32.29-31.
- SWIGGERS, Pierre. 1987b. "Remarques sur le langage historiographique". *Histoire sans paroles*, ed. por Pierre RION, 29-48. Louvain-la-Neuve: Peeters.
- SWIGGERS, Pierre. 1988. "Les premières grammaires des vernaculaires gallo-romans face à la tradition latine: stratégies d'adaptation et de transformation". *L'héritage des grammairiens latins de l'Antiquité aux Lumières. Actes du Colloque de Chantilly 2-4 septembre 1987*, ed. por Irène ROSIER, 259-269. Paris: Société pour l'Information grammaticale.
- SWIGGERS, Pierre. 1989. "Linguistics". *International Encyclopedia of Communications*, ed. por E. BARNOUW, G. GERBNER et al., vol. 2, 431-436. New York – Oxford: Oxford University Press.
- SWIGGERS, Pierre. 1990. "Reflections on (Models for) Linguistic Historiography". *Understanding the Historiography of Linguistics: Problems and Projects*, ed. por Werner HÜLLEN, 21-34. Münster: Nodus.
- SWIGGERS, Pierre. 1991a. "L'historiographie des sciences du langage: intérêts et programmes". In: *Proceedings of the Fourteenth International Congress of Linguists, Berlin/GDR, August 10 - August 15, 1987*, 2713-2716. Berlin: Akademie-Verlag.
- SWIGGERS, Pierre. 1991b. "Creuser dans l'histoire des sciences du langage: vers une archéologie du savoir linguistique". *La constitution du document en histoire des sciences du langage (= La Licorne 19)*, ed. por Jacques-Philippe SAINT-GÉRAND, 115-134.
- SWIGGERS, Pierre. 1993. "Langage, Langue(s), Comparaison et Histoire aux Temps modernes". *Münstersches Logbuch zur Linguistik* 4.1-29.
- SWIGGERS, Pierre. 1996. "L'étymologie: Les transformations de l'étude historique du vocabulaire aux Temps Modernes". *Sprachtheorien der Neuzeit II: Von der Grammaire de Port-Royal (1660) zur Konstitution moderner linguistischer Disziplinen (= Geschichte der Sprachtheorie, Band V)*, ed. por Peter SCHMITTER, 352-385. Tübingen: Narr.
- SWIGGERS, Pierre. 1997a. *Histoire de la pensée linguistique*. Paris: P.U.F.

- SWIGGERS, Pierre. 1997b. “Français, italien (et espagnol): un concours de ‘précellence’ chez Henri Estienne”. *Italica et Romanica. Festschrift für Max Pfister zum 65. Geburtstag*, ed. por Günter HOLTUS, Johannes KRAMER & Wolfgang SCHWEICKARD, vol. II, 297-311. Tübingen: Max Niemeyer
- SWIGGERS, Pierre. 1998. “History of Linguistics”. *Encyclopedia Americana*, vol. 17, 532f-532p. New York: Grolier.
- SWIGGERS, Pierre. 2001a. “La philologie romane de Dante à Raynouard: Linguistique et grammaticographie romanes (article 1b)”. *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, ed. por Günter HOLTUS, Michael METZELTIN & Christian SCHMITT, vol. I, 1, 36-121. Tübingen: Niemeyer.
- SWIGGERS, Pierre. 2001b. “L’histoire des grammaires et des manuels de langues romanes (article 17a, b, d)”. *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, ed. por Günter HOLTUS, Michael METZELTIN & Christian SCHMITT, vol. I, 1, 476-532. Tübingen: Niemeyer.
- SWIGGERS, Pierre. 2003. “Continuités et discontinuités, tension et synergie: les rapports du latin et des langues vernaculaires, reflétés dans la modélisation grammaticographique”. *The Dawn of the Written Vernacular in Western Europe*, ed. por Michèle GOYENS & Werner VERBEKE, 71-105. Leuven: Leuven University Press.
- SWIGGERS, Pierre. 2004. “Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística”. *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2005*, ed. por Cristóbal CORRALES ZUMBADO, Josefa DORTA LUIS *et al.*, vol. I, 113-146. Madrid: Arco Libros.
- SWIGGERS, Pierre. 2006. “Another Brick in the Wall: The Dynamics of the History of Linguistics”. *Amicitia in Academia. Composities voor Els Elffers*, ed. por Jan NOORDEGRAAF, Frank VONK & Marijke VAN DER WAL, 21-28. Münster: Nodus.
- SWIGGERS, Pierre. 2009. “La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones”. *Revista argentina de historiografía lingüística* 1. 67-76. [versão eletrônica: www.rahl.com.ar]
- SWIGGERS, Pierre. 2010. “History and Historiography of Linguistics; Status, Standards and Standing” + Tradução portuguesa: “História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações”. Trad. por Profa. Dra. Cristina ALTMAN. *Eutomia. Revista Online de Literatura e Linguística* 3/2. [Dezembro 2010; <http://www.Revistaeutomia.com.br/eutomia-ano3-volume2-destaquez.html>]

- SWIGGERS, Pierre. 2011. “Terminología gramatical y lingüística: Elementos de análisis historiográfico y metodológico”. *Res Diachronicae* 7. 11-35.
- SWIGGERS, Pierre. 2012a. “Linguistic Historiography: Object, Methodology, Modelization”. *Revista Todas as Letras* 14:1. 38-53. [http: www3.mackenzie.br/editor/index.php/tl/issue/current]
- SWIGGERS, Pierre. 2012b. “Historiografía de la gramaticografía didáctica: apuntes metodológicos con referencia a la (historia de la) gramática española y francesa”. *Lengua, literatura y educación en la España del siglo XIX*, ed. por Neus VILA RUBIO, 15-37. Bern – Berlin: Peter Lang; Lérida: Edicions i Publicacions de la Universitat de Lleida.
- SWIGGERS, Pierre. 2013. “Aspectos del desarrollo de la lingüística histórica en los siglos XIX y XX”. *III Congreso de la Cátedra Luis Michelena*, ed. por Ricardo GÓMEZ *et al.*, 405-450. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- SWIGGERS, Pierre, Piet DESMET & Lieve JOOKEN. 1998a. “Metahistoriography Meets (Linguistic) Historiography”. *Metahistoriography. Theoretical and Methodological Aspects of the Historiography of Linguistics*, ed. por Peter SCHMITTER & Marijke VAN DER WAL, 29-59. Münster: Nodus.
- SWIGGERS, Pierre, Piet DESMET & Lieve JOOKEN. 1998b. “History, Historiography, Metahistoriography: The (Non Trivial?) Sign of Three; History, Where are You?”. *Metahistoriography. Theoretical and Methodological Aspects of the Historiography of Linguistics*, ed. por Peter SCHMITTER & Marijke VAN DER WAL, 77-85. Münster: Nodus.
- SWIGGERS, Pierre & Carmen QUIJADA VAN DEN BERGHE. 2011. “La terminología del pronombre en la gramática española, de Nebrija (1492) a Bello (1847): Algunos apuntes”. *Res Diachronicae* 7. 263-292.
- SWIGGERS, Pierre & Alfons WOUTERS. eds. 1996. *Ancient Grammar: Content and Context*. Leuven – Paris: Peeters.
- SWIGGERS, Pierre & Alfons WOUTERS. 2004. “The Concept of “Grammar” in Antiquity”. *The History of Linguistics in Texts and Concepts*, ed. por Gerda HASSLER, vol. I, 73-85. Münster: Nodus.
- SWIGGERS, Pierre & Alfons WOUTERS. 2011. “Grammar: Between *Bildung* and *Erinnerungskultur*”. *Ancient Grammar and its Posterior Tradition*, ed. por Nikolaj KAZANSKY *et al.*, 3-25. Leuven – Paris – Walpole: Peeters.
- SZOC, Sara. 2013. *Le prime grammatiche d’italiano nei Paesi Bassi (1555-1710). Struttura, argomentazione e terminologia della descrizione grammaticale*. KU Leuven [Tese de doutorado].

- SZOC, Sara & Pierre SWIGGERS. 2013. “Au carrefour de la (méta)lexicographie, de la terminographie, de la grammaticographie et de la linguistique contrastive: La terminologie grammaticale dans les grammaires de l’italien aux Pays-Bas”. *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y de Filología Románicas (Valencia 2010)*, ed. por Emili CASANOVA HERREIRA & César CALVO RIGUAL, vol. VII, 653-666. Berlin: W. De Gruyter.
- VAN DER POT, Johan H.J. 1951. *De periodisering der geschiedenis. Een overzicht der theorieën*. ’s Gravenhage: Van Stockum.
- VAN HAL, Toon. 2010. ‘Moedertalen en taalmoeders’. *Het vroegmoderne taalvergelijkende onderzoek in de Lage Landen*. Brussel: Koninklijke Vlaamse Academie van België voor Wetenschappen en Kunsten.
- VAN HAL, Toon. 2012. “‘Génie de la langue’: the genesis and early evolution of a key notion in Early Modern European learning”. *Language & History* 56/2. 81-97.
- VERLEYEN, Stijn. 2008. *Fonction, forme et variation. Analyse métathéorique de trois modèles du changement phonique au XX^e siècle (1929-1982)*. Leuven – Paris: Peeters.
- VEYNE, Paul. 1971. *Comment on écrit l’histoire. Essai d’épistémologie*. Paris: Seuil.
- WINDISCH, Rudolf. 1988. *Zum Sprachwandel von den Junggrammatikern zu Labov*. Frankfurt: Lang.
- ZWARTJES, Otto. 2011. *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- ZWARTJES, Otto & Cristina ALTMAN. eds. 2005. *Missionary Linguistics II / Lingüística misionera II. Orthography and Phonology*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- ZWARTJES, Otto & Even HOVDHAUGEN. eds. 2004. *Missionary Linguistics [I] / Lingüística misionera [II]*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- ZWARTJES, Otto, Gregory JAMES & Emilio RIDRUEJO. eds. 2007. *Missionary Linguistics III / Lingüística misionera III. Morphology and Syntax*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- ZWARTJES, Otto, Ramón ARZÁPALO & Thomas SMITH-STARK. eds. 2009. *Missionary Linguistics IV / Lingüística misionera IV. Lexicography*. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins.
- ZWARTJES, Otto & E.F. Konrad KOERNER. eds. 2009. *Quot homines tot artes: New Studies in Missionary Linguistics*. (= *Historiographia Linguistica* 36/2-3).